

PERFORMATIZAÇÃO DE MULHER(ES) EM CORDEIS– ABORDAGEM INDISCIPLINAR ENTRE ESTUDOS CULTURAIS E LINGUÍSTICA *QUEER*

Luana Rafaela dos Santos de Souza¹

RESUMO: Entendemos o imbricamento entre a linguagem, os sujeitos, a(s) sociedade(s) e a cultura é indissociável. Essa relação torna-se importante para a nossa pesquisa porque integra a *intersecção entre linguagem, gênero e sexualidade*, ressaltando que os significados/sentidos não são isentos de historicidades, uma vez que são produzidos em um dado contexto, dentro de uma determinada cultura. Nessa perspectiva, objetivamos analisar a construção da(s) mulheres do Nordeste, forjada nos folhetos de Leandro Gomes de Barros. Assim, estamos entendendo que as narrativas de cordel constituem um artefato histórico, porque envolvem o exercício de escutar a história para compreender o *projeto político de representação* que é performatizado na literatura. Nesse estudo, problematizamos ideias e conceitos forjados acerca do gênero feminino que perpassam na literatura de origem popular, realizando um processo de releitura. Nossa pesquisa sinaliza para a hibridiz, a mistura de construtos teóricos-metodológicos, um estudo que se desenvolve através do imbricamento entre os Estudos culturais e a Linguística *queer*. O percurso de investigação procede de uma base interpretativista, enxergando a cultura como uma *teia de significados* tecida pelas ações humanas como propõe Geertz (2008).

INTRODUÇÃO

Nossa proposta de pesquisa que busca analisar o que é ser mulher e qual a condição do feminino, aspectos forjados nos folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros (Pombal, 19 de novembro de 1865 – Recife, 4 de março de 1918), poeta que viajou pelo sertão difundindo seus poemas, um dos poucos poetas populares a viver unicamente de suas histórias rimadas. Foi considerado o rei dos poetas populares do seu tempo, sendo um dos poetas pioneiros responsável pela formação de um público e também por instituir formas de produção e distribuição da literatura de cordel.

Meu interesse advém da necessidade de que mesmo numa época de importantes avanços, as diferenças sociais entre homens e mulheres continuam reproduzindo a desigualdade, que na visão de Turci (2015), a inferiorização das mulheres se desenvolveu com a própria sociedade, a partir do momento em que se teve a divisão do trabalho entre função de homens e função de mulheres. Logo, começou a se consolidar uma existência quase natural, em que a mulher por ser considerada frágil, por não ter um aspecto físico ágil, não poderia caçar, lutar. Então, ocupava o espaço doméstico.

Devido a essa proposta, o percurso de investigação procede de uma base interpretativista, enxergando a cultura como uma *teia de significados* tecida pelas ações

¹ Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura pela Universidade Estadual de Alagoas.

humanas. Essa é uma ideia compartilhada por Geertz (2008) e de grande relevância, pois aponta para o conceito de cultura semiótica, possibilitando-nos enxergar a literatura de cordel como performatização da vida da mulher nordestina, fundada sob o pilar de relações de gênero.

LINGUÍSTICA *QUEER* – ESTUDOS EM LÍNGUA(GEM)

Situando os estudos de gênero, sexualidade e linguagem, devemos salientar que durante décadas anteriores existiu uma quantidade significativa de pesquisas sobre a linguagem que consideraram questões de sexualidade, ou melhor, ou de orientação sexual, como critério de análise. No entanto, grande parte desses estudos enxergavam gênero como uma categoria não problemática, que estaria ligada inicialmente ao sexo do falante ou escritor, conforme explicam Hall e Livia (1997). Tais estudos falavam sobre linguagem e orientação sexual, nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo, e centravam suas análises no léxico, em decorrência dos quais foram elaborados muitos glossários e dicionários *gays*, como *A Lexicon of Gay Slang*, *The Queen's Vernacular* e outros. Um dos primeiros glossários da linguagem *gay* foi o *The Language of Homosexuality: An American Glossary*, compilado por Gershon Legman, em 1941, que continha uma lista de 329 termos, conforme explicam as pesquisadoras Hall e Livia (1997). O glossário de Legman inclui somente gírias de homens *gays*. Como exemplo desse tipo de glossário temos o “Glossário do mundo *gay*” construído a partir da cena humorística “Glossário”.

Conforme, Santos Filho (2017), a LQ, vinte anos depois, pode ser também, de modo amplo, compreendida como problematização das normas de inteligibilidade e suas subversões que ganham vida no discurso na cultura. Santos Filho (2017) pontua que a LQ não é uma linguística *gay* ou *lésbica*, “é um estudo em língua(gem) no qual seu objeto é a relação entre sujeito, linguagem e identidade, em nossa cultura heterormativa, relação que precisa ser estranhada e problematizada (SANTOS FILHO, 2015c, p.16).

Na compreensão do que é uma LQ, Santos Filho aponta que é uma postura, teórico-metodológica, epistemológica em si, que se propõe subversiva, cínica, no sentido de uma *queerização* dos estudos em língua(gem). Logo, fazer LQ é provocar estranhamento nos estudos em linguagem, no sentido de não se acomodar com o posto, de desconstruir, no sentido de problematizar, inconformado-se, criticando a normalização, pensando além, sobre língua(gem), discursos, em perspectiva de oposição

e de contestação, desaprendendo, reaprendendo visando criar inteligibilidade sobre a vida nessa cultura que nega o outro (SANTOS FILHO, 2017).

LITERATURA E CORDEL COMO ARTEFATOS CULTURAIS

As narrativas de cordel constituem um artefato histórico, porque envolvem o exercício de escutar a história para entender o *projeto político de representação* que é performatizado na literatura. Desse modo, a literatura é uma criação humana, dotada de significados, à medida que o discurso se desenvolve “constrói” os objetos a que faz menção, ao mesmo tempo em que integra essa construção (KOCH, 2002). O pensamento de Geertz (2008) é relevante para nossa, pois dar novos contornos a esta pesquisa. Esse antropólogo estadunidense defende um conceito de cultura essencialmente semiótico, pensa como Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Geertz assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A partir dessa perspectiva, enxergamos a literatura de cordel como um processo de reconstrução da própria realidade, nesse sentido, sempre que usamos uma forma simbólica manipulamos a própria realidade de modo significativo. O cordelista na interação trabalham sobre o material linguístico que tem à sua disposição, adotando escolhas significativas para criar *projetos políticos de representação*.

Entendemos que há relações constitutivas sobre a linguagem e o gênero discursivo, seja no campo artístico, seja no cotidiano, em que a relação entre a linguagem, os sujeitos, a(s) sociedade(s) e cultura é indissociável. Por meio dessa concepção, pode-se dizer que o cordel é um artefato cultural, considerando que toda vivência artística de qualquer grupo comunica uma experiência específica do mundo. Nesse sentido, “é preciso ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente” (ALVES, 2013, p. 36).

Conforme Alves (2013),

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza (ALVES, 2013, p. 38).

De acordo com Barroso (2012), a literatura de cordel teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. O trovadorismo estabelece uma ponte entre a literatura de cordel em Portugal e a literatura de cordel no Brasil, porque foi trazido pelos colonizadores que aqui chegaram. As cantigas incorporam os aspectos culturais brasileiros em sua poética, adaptação que ficou conhecida como cordel. Barroso (2012) fala que o gênero ficou conhecido porque suas folhas eram expostas através de barbantes para serem comercializadas nos mercados ou nas feiras livres.

Sobre o cordel, devemos entender que a função social que esse gênero literário ocupava na sociedade nordestina era a de ser um dos principais veículos de informação, quando ainda não existia o rádio e o jornal era um veículo escasso. Estava presente nos mercados, nos serões familiares e nas feiras livres.

A relação entre a linguagem, os sujeitos, a(s) sociedade(s) e cultura é indissociável. Tal relação torna-se importante para o nosso estudo porque integra a *intersecção entre linguagem, gênero e sexualidade*, ressaltando que os significados/sentidos são produzidos em um dado contexto, dentro de uma determinada cultura. Assim, toda enunciação deve considerar o seu falante, ou seja, o perfil psicossocial do “eu”, o contexto de fala e os sentidos que ali foram propostos.

PERFORMATIZAÇÃO DE MULHER(ES) EM CORDEIS

Os poemas de Barros são vistos nessa pesquisa não somente como uma manifestação artística, mas como uma manifestação de caráter político. Vejamos um trecho do folheto, intitulado *As coisas mudadas*:

Outrora a mulher casava
Para o homem a sustentar,
Hoje uma que se case
Vá disposta a trabalhar,
Se for moça preguiçosa
Fica velha sem casar.
Há homens que vive
Do trabalho da mulher,
Embora que ele só faça
Aquilo que ela quiser,
Há de carregar no quarto
Os filhos que ela tiver.
(BARROS, s/n, p. 1).

A partir do trecho acima podemos entender que o poeta constrói modos de ver e de pensar o mundo, de refletir sobre a realidade. Ao mesmo tempo, podemos

indagar como será que o poeta enxergava as mudanças sociais que fragmentavam as paisagens culturais tanto do gênero, quanto da sexualidade e como eram definidas as relações entre homens e mulheres?

Na análise dos folhetos abordamos o processo de referenciação defendido por Koch (2002) é, sobretudo, um problema que está relacionado às operações efetuadas pelos indivíduos à medida que o discurso se desenvolve e que o discurso “constrói” os objetos a que faz menção, ao mesmo tempo em que integra essa construção. Koch (2002) ancorada em Marcushi (1998) compreende que a discursivização ou textualização através da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informação, mas em um processo de re(construção) da própria realidade.

A respeito de desconstrução, Matos (2014) explica que o pensamento de Jacques Derrida pode ser útil, pois o pensamento dele incorpora uma vocação antidogmática que se traduz na desconstrução. Savian Filho (2014) argumenta que para Derrida a desconstrução seria o trabalho de dentro dos textos encontrar o princípio que os forma. Na suplementariedade as identidades são forjadas na relação de presença-ausência, em que para ser amor afasta-se da sexualidade, permite-nos pensar acerca dos sentidos válidos nos folhetos.

Dessa forma, seguindo esses procedimentos metodológicos, vejamos um trecho do folheto *Os Martírios de Genoveva*, de Leandro Gomes de Barros:

Ao travesseiro dos doentes
era um anjo tutelar
divino consolador
dos pobre desse lugar
quem a visse estado triste,
tinha de se consolar
(BARROS, 1974, p.3).

Podemos perceber que há nessa narrativa um ideal de mulher cristã, e, conseqüentemente evangelizadora da sociedade. Essa questão se baseia nos comportamentos adotados pelas personagens e inspirados por elas. No folheto *Os martírios de Genoveva*, o “eu” enunciativo faz referenciação a personificação da mulher como santa e como anjo. Nessas reflexões, há o predomínio de uma mulher marial, tomada como referenciação a figura de Maria. Falci (2004) ajuda-nos a entender que as mulheres do sertão nordestino, no século XIX, não tinham muitas atividades fora do lar, pois eram educadas desde cedo a aprender o papel de mãe e as “prendas domésticas”, tais como orientar os filhos, costurar, bordar, cozinhar. Algumas mulheres mais humildes ou

de elite empobrecida, faziam doces, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano, atividades que ajudavam no sustento da família.

A abordagem na Linguística *Queer* permite-nos olhar para a condição do feminino, como ele é construído nessas narrativas e como se davam as relações de gênero. Ajuda-nos a pensar sobre a ideia de amor romântico ou fraternal construído nos folhetos e de que modo eles mascaravam a violência, o patriarcalismo, a submissão e outras formas de opressão da(s) mulher(es).

Vejamos um trecho do folheto *História da Donzela Teodora*:

O sábio disse: donzela
eu quero, se tu poderes
isto é, sei que tu poderes
não dirás se não quiseres
**o peso, idade e conduta
que têm todas as mulheres**
(BARROS, 1975, p. 15).

O discurso da donzela vai formando um perfil em torno da donzela de vinte anos e como a relação entre homem e mulher ocorre (ou dever ocorrer).

- as de trinta e quarenta
que dizes tu que elas são?
disse ela: uma dessas
é de consideração:
- Das de 50 o que dizes?
- Só prestam para oração
- Que dizes das de 70?
- Deveriam estar num castelo
rezando por quem morreu
lamentando o tempo belo;
(BARROS, 1975, p. 16).

A velhice é rotulada no cordel como um sinônimo de sofrimento e dores, notamos que a posição de Teodora, jovem, é uma aversão a essa passagem do tempo, pois para a personagem a idade é um aborrecimento. Assim, na época de Barros e Ataíde, o discurso da velhice já existia, pois parece que os sentidos forjados acerca de pessoas mais velhas é uma concepção forjada no senso comum dominante, e que, de certa forma, permanece até hoje, mas não com a mesma carga que existia na época do poeta.

Na estrofe seguinte, a personagem faz referência ao que é ser uma mulher boa e uma mulher má, ou seja, essa última é linguaruda, fofoqueira, o que nos ajuda a entender que a conexão entre fatos semânticos e informações de valor pragmático contribui para uma interação fundada no saber e na curiosidade, conforme explica Dionísio (2005).

O sábio aí perguntou:
qual é a coisa mais aguda?
Disse ela: é a língua
duma mulher linguaruda
que corta todos os nomes

e o corte nunca muda
(BARROS, 1975, p. 19).

Nesse raciocínio, pensar o local da cultura é interrogar através da literatura de cordel a estratégia de estereotipização que é construída em relação à mulher, já que entendemos que, para Albuquerque Júnior (2011), “o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 30). Assim, observamos que o adjetivo “linguarruda” é atributo especificamente ao feminino, pois essa é uma noção do senso comum dominante. Refletimos que determinadas características são forjadas com base em uma essência de sexo, por um viés que está atrelado à morfologia do(s) corpo(s), comportamento(s) e discurso(s).

CONSIDERAÇÕES

Na leitura dos folhetos escolhidos, notamos a recorrência de um projeto conservador, no qual tanto o masculino, quanto o feminino são ancorados por barreiras rígidas, de modo que as mulheres seriam educadas para se tornarem futuras mães, donas de casas e educadoras dos filhos/filhas. As noções de mulher nesses cordéis reproduzem um discurso conservador, que consistem em “citações” repetidas para manter a mulher na condição de “mãe”, “justa”, “educadora”, “religiosa”, “protetora” e “submissa”, pois esse é o perfil de mulher autorizado nos folhetos.

Em relação ao ato performativo é necessário notar que cada folheto se constitui como um ato performativo e o conjunto deles arquiteta uma grande ação de validar os sentidos sobre a mulher, concebida como feminina, nos moldes do senso comum dominante. Frisamos que o ato performativo não é um evento singular, por isso, estamos analisamos mais de um cordel. Através deles podemos mostrar como se constrói um ato performativo que não é singular, uma vez que se configura como um grande ato performativo de autorização de sentidos. É a historicidade acumulada que nos auxilia a construir o ato performativo, entendendo também o agenciamento de normas que são realizados com o objetivo de manter uma boa moral ou uma boa conduta, principalmente, sobre a figura feminina.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino** (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ATAÍDE, João Martins de. **A mulher em tempo de crise**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Joao%20Martins%20de%20Ataide&pesq=>>>. Acesso em 14 de abril de 2017.

BARROS, Leandro Gomes de. **História da donzela Teodora**. In: MEDEIROS, Irani. No reino da poesia sertaneja: antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002.

BARROS, Leandro Gomes de. **As coisas mudadas**. In: MEDEIROS, Irani. No reino da poesia sertaneja: antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002.

BARROS, Leandro Gomes de. **Martírios de Genoveva**. In: MEDEIROS, Irani. No reino da poesia sertaneja: antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002.

DIONÍSIO, A. P. **O que é uma adivinhação?** Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade. v. 5, n.9, 2005, p. 35-54.

FALCI, Miridan Brito Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

FILHO, Juvenal; MATOS, Olgária. Dossiê Jacques Derrida. TV Revista CULT. ‘11’10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JstTXJMbb-0>> Acesso em 16 de maio de 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Evas ou Marias?** As mulheres na literatura de cordel: Preconceitos e estereótipos. Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. In: Revista esboço, v.14, n° 17, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso**. Revista de Estudos Linguísticos de Juiz de Fora, v. 6, n. 1, 2011, p. 29-42.

MARCUSHI, Luiz. **Estratégias de textualização na fala e na escrita**. In: Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 106-122.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólloka Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

TURCI, Neriz Alexandre. Movimentos Feministas. In: Anhaguera Educaional. 43’ 42”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JcUC_7MvoaA>. Acesso em 9 de março de 2016.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Preâmbulo para uma linguística *queer* – gêneros, sexualidades e desejos na cultura heteronormativa e aspectos linguístico-discursivos.** In. Seminário de Pesquisa: Introdução à Linguística *Queer*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá: UEM, 2015a.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Da emergência da Linguística *Queer*.** In. Seminário de Pesquisa: Introdução à Linguística *Queer*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá: UEM, 2015b.

SILVA, MELO & Castro. **Dissidências sexuais de gênero nos estudos de discurso.** Aracaju: Criação, 2017.

I Seminário de Dinâmicas Territoriais e Culturais do Nordeste

